

Helena Gregório

AVALIADORA PELA CASA DA MOEDA

Ouro, prata e joalheria
Experiência em avaliações para:
Partilha de heranças, seguradoras, tribunais.
Avaliação de Antiquidades, obras de arte e peças usadas.
Av. Gen. Humb. Delgado, 101
(Casa dos Relógios ao lado do Cine-Teatro)
TM: 967 025 854 - antiqfqueira@gmail.com

(9405)

TRABALHOS CONSTRUÇÃO CIVIL

Construção de raiz, remodelações e pinturas

Contactos: 966109046 / 966013097 / 272328166
geral@marquesenunes.pt
ORÇAMENTOS GRÁTIS

(7017)

Levamos o gás a sua casa

gás - R. Sr.ª de Mércoles, 92A Castelo Branco
272 342 190

RESTAURO E ALTERAÇÃO DE MÓVEIS E ANTIGUIDADES

Orçamentos gratuitos

Helena Gregório
TM: 967 025 854

(12405)



Aviso/Extrato

Bolsa de reserva de recrutamento Concurso para recrutamento de Técnico de Radiologia da carreira de Técnico Superior de Diagnóstico e Terapêutica – TSDT

1 - Nos termos do n.º 3 do artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 18/2017, de 10 de fevereiro tendo em conta o disposto no art. 7.º do Anexo III da Lei, faz-se público que por deliberação do Conselho de Administração de 23.09.2021, se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis, procedimento concursal para bolsa de reserva de recrutamento, destinado ao recrutamento de Técnicos de Radiologia da carreira de Técnico Superior de Diagnóstico e Terapêutica – TSDT, carreira contemplada no mapa de pessoal da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, EPE, para celebração de contrato individual de trabalho sem termo ao abrigo do Código do Trabalho, nas condições e requisitos permitidos e termos legais em vigor.

2 - Os requisitos, os critérios de avaliação, os métodos de seleção, a composição do júri e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas e para o desenvolvimento do procedimento concursal para Técnico de Radiologia da carreira de Técnico Superior de Diagnóstico e Terapêutica – TSDT da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, EPE, em apreço, constam de ata afixada no placard do Serviço de Recursos Humanos da ULSCB, de publicação para consulta na página da intranet e na página da ULSCB, EPE, acessível em <http://www.ulscb.min-saude.pt>, a partir da data da publicação do presente extrato no jornal. 04 de outubro de 2021.

A Vogal Executiva

Diretora Clínica Hospitalar do Conselho de Administração da ULSCB, EPE Dra. Maria Eugénia André

CASTELO BRANCO

Frankenstein Correia

A história dessa noite é conhecida: Mary Godwin passaria nesse dezembro a ser Mary Shelley, depois de casar com Pierce Shelley, que a tinha levado a fugir com ele para França aos 16 anos. Passavam o verão de 1816 na vila Diodati, à beira do lago Léman com John Polidori, jovem médico e o seu cliente, o coxo mais famoso da Europa, Lord Byron, que uma das suas inúmeras amantes, Lady Caroline Lamb, dissera ser "mad, bad and dangerous to know". Um verão que o não foi, com a Europa resfriada pelas cinzas que a maior erupção vulcânica dos últimos séculos, a do monte Tambora na Indonésia, tinha espalhado por todo o mundo.

Enfiadas em casa, cercadas pelo mau tempo, três das mais efervescentes cabecinhas do romantismo europeu aceitaram um desafio, sugerido por Mary ou Byron, não é certo qual: escrever um conto de terror, melhor que as 'Tales of the dead' que andavam a ler. Byron não viria a ter tempo para o fazer, com as permanentes embrulhadas em que andava metido e o levariam a morrer aos 36 anos. Polidori escreveria 'O Vampiro', o primeiro numa série que nunca mais parou e Mary, com 19 anos, escreveria o primeiro conto de ficção científica, 'Frankenstein'.

Nele, um jovem leitor de Paracelso, Victor Frankenstein, convertido à ciência moderna, decide aplicar a recente descoberta da electricidade para dar vida às partes de cadáveres humanos que ele juntou. A coisa funciona mas o homúnculo resultante vem com defeitos de fabrico. Envenenado pela injeção do amor que rodia o seu criador, paralelo ao horror que a sua fealdade desencadeia, acaba a matar a noiva, o amigo e o irmão do seu criador, antes de ir morrer no Ártico, depois de uma perseguição épica por Victor, ficando mais conhecido pelo apelido

deste. Vem este arraçoado a propósito das últimas autárquicas em Castelo Branco, onde se passou algo semelhante sem, praza a Deus, cadáveres avulsos.

Luis Correia era um jovem empresário próximo do PSD quando Joaquim Morão o foi desencantar para gerir a EPRIN, em Idanha-a-Nova. Afincou uma carreira de gestor de entidades públicas como o Centro de Formação Profissional, os Serviços Municipalizados e o Hospital Amato Lusitano, onde se revelou um gestor razoavelmente competente e cinzento q.b. De pulinho em pulinho, sempre pela mão do PS acabaria levado por Joaquim Morão, uma vez mais, para a vereação da Câmara de Castelo Branco, revelando-se um executante certo da estratégia alheia. Com a saída de J. Morão, o PS escolhe-o, entre vários candidatos talvez melhores, para a sucessão. E aí dá-se o momento Frankenstein de Luis Correia.

Se Correia tivesse lido com atenção alguns clássicos teria visto que já os Gregos há 2500 anos tinham pensado muito nos perigos da arrogância, a 'hubris', e na reação bruta dos Deuses a quem abusa dela. Prometeo, Ícaro e Édipo, mesmo sem o incesto, seriam bons exemplos.

Mas, como também se sabe desde os Gregos, é difícil parar aqueles que se enganam no seu destino.

Como já se viu em vários outros casos da política nacional, a criatura entra num frenético percurso freudiano de tentativa de homicídio político do seu criador. Habitualmente não é bonito. E, Freudiano mas não só. Para lá da ambição, compreensível mas pobre, de sair da sombra esmagadora dos mandatos de Morão, cedo se revelou outra mais prosaica de alargar e consolidar a rede de convívios e interesses pessoais e familiares que, de negócio em negócio, acabaria na perda do man-

dato por infração duma lei central anticorrupção do poder local que, Correia, abusando da nossa paciência como Catilina, insistiu em não passar de 'um erro administrativo'. Mas, negócios de perfil dubio, por vezes envolvendo milhões de euros, houve muitos mais, como foi sendo denunciado pelos vereadores da oposição e vinha sendo notícia nos media nacionais.

Apesar de Castelo Branco ser das cidades do interior com maior número de PMEs de excelência e ter uma base industrial significativa, tem uma dependência enorme do emprego e, sobretudo, do orçamento da câmara que distribui pelos seus funcionários, fornecedores e entidades locais, sobretudo associações, 60 milhões de euros por ano.

Além disso, com o fim dos governos civis, as câmaras passaram a ser o principal centro de poder político local, com voz ativa em tudo o que é nomeação para cargos públicos e estes são uma parte fundamental do emprego do concelho.

Isso permitiu a Luis Correia a construção duma base de poder pessoal que passou pela colocação sistemática de pessoas da sua confiança em inúmeros serviços e entidades, sendo o caso mais ruidoso o do Instituto Politécnico.

Tudo isto poderia ter sido apenas mais uma telenovela política portuguesa como tantas outras. Só que, neste caso, levou ao fechamento do processo de decisão num pequeno grupo de fiéis, levando ao abandono de estratégias, contactos e apoios de mandatos anteriores, gerando perdas de dezenas de milhões de euros para a cidade, como foi mostrado por João Nuno Carvalhinho no Reconquista de 15 de julho passado.

Mais grave foi a ausência de uma visão de futuro suficientemente ambiciosa para a cidade, mal e casamente disfarçada pelos jardins, hortas e parques

que não conseguem esconder a trajetória negra em que a cidade está afundada, como ficou demonstrado pela perda de quase 7% (!) da população em dez anos. Por este andar, daqui a dez anos, teríamos uma cidade lindinha mas deserta.

Os eleitores do Concelho parecem ter percebido o perigo que corriam.

A 'bazuca' que aí vem, apesar de na sua maior parte ter sido já oferecida à fome infinita e secular da administração central, é uma das últimas oportunidades que teremos de conseguir investimentos públicos por que esperamos há décadas, como o IC31 e a barragem do Barbaído, mas também de outros que teremos de recolocar na agenda, como a barragem do Alvitto ou começar a imaginar agora.

Levará algum tempo a ultrapassar o fosso que Frankenstein Correia abriu e para onde arrastou muitos dos que dependiam dele para terem uma vidinha melhor e se veem agora metidos no poço que ele cavou. Diga-se, em abono da verdade, que alguns deles o cavaram ainda com mais entusiasmo do que ele próprio. Mas sendo a gravidade o que é e o poder e o orçamento da câmara a única ideologia do SEMPRE, sem eles este passará rapidamente a NUNCA, sem que seja preciso que Correia fuja para o Ártico como o seu modelo literário.

O mundo está a passar por algumas das maiores transformações da história da humanidade, do ressurgimento da Ásia à perda de peso do Ocidente, das mudanças climáticas à digitalização das sociedades, dos cascos demográficos às migrações massivas e Castelo Branco não escapará às consequências delas, mesmo escondida atrás do Barrocal.

O próximo mandato camarário será decisivo para evitar a decadência irreversível da cidade.

António Abrunhosa

Reconquista,
facebook.com/reconquistajornal

rádio condéstavel
913-927-1070
Sinta o pulsar da região
www.radioconestavel.pt

Reconquista,
22€/ano
c/ oferta do papel digital
assine já
272321357
reconquista@reconquista.pt